

mínima, poética

arthur soffiati

a
m
p o é
t m í
o i a n m
n c a c a
C n a i i o i í
n é n c a
m t m n i c
o a a o m í a i o
í a i i n c o a c i m
m t m n a c i m c

© Arthur Soffiati, 2011

Projeto gráfico e diagramação

André da Silva Cruz

Catálogo e revisão técnica

Inez Barcellos de Andrade

Tiragem

500 exemplares

Impressão

Gráfica e Editora Grafband

(28) 35262750

S681m Soffiati, Arthur

Mínima poética / Arthur Soffiati. -- Campos dos Goytacazes (RJ):
Essentia Editora, 2011.

78p.

ISBN 85-99968-19-2

1. Poesia - Literatura brasileira. I. Título.

CDD - 8869.1

Essentia Editora

Rua Dr. Siqueira, 273

Bloco A - sala 28 - Pq. Dom Bosco

Campos dos Goytacazes/RJ - CEP 28030-130

Tel.: (22) 2726-2882 | fax (22) 2733-3079

www.essentiaeditora.iff.edu.br

essentia@iff.edu.br

Nos desvios da palavra, a poesia se ancora
Arlete Parrilha Sendra

TANTA POESIA DESPERDIÇADA
POR FALTA DE TEMPO

Arthur Soffiati

A linguagem da poesia, a única que é capaz de fazer frente aos enigmas da vida, mostra que o pensamento poético não se explica fora do poema. E mostra que o poeta, visionário consciente, inventaria os fragmentos apreendidos em espaços metafísicos; documenta cenas quotidianas vestidas em abstrações – que nossos hábitos sensoriais e linguísticos nos impedem de perceber; registra o pensar em palavras e silêncios, vibrações e vazios. E faz o tombamento de outras vozes que dizem que a poesia, mais que um gênero literário, é o espaço da essência da linguagem.

Rompendo com as ortodoxias que minimizam o pensar, enquanto reflexo de projeções interiores, e rastreando caminhos que levam à gênese do pensamento mítico, *Mínima Poética*, em contato com o mundo, faz falar a transpalavra que o homem, em seu viver vertiginoso, não ouve, não apreende seus sons e tons.

O pensamento é, assim, em *Mínima Poética*, o discurso em seu sentido primeiro, não elaboração de ideias já geradas e faturadas, nem deliberação de conclusões: apenas e tão somente contato direto com o mundo sensível ou com o mundo imediato psíquico, palavra viva e única.

Em

NOSSOS
OSSOS
SÓS,

um exemplo entre tantos outros possíveis, está, em enigma, um tempo de ocaso, tempo sustentado pelo sentimento reduzido a um claro símbolo existencial. NOSSOS / OSSOS / SÓS não fala de categorias formais, lógicas ou ilógicas. Apenas e levemente fala à percepção do ser que está a caminho do devém do existir, ultrapassadas as temporalidades que abrigam inquietude, angústia, esperança, temores.

O duro isolamento da frase nominal, eliminada de quaisquer circunstâncias, implica em uma desimetria ontológica, forma singular de dizer a realidade. E o poeta canta um cantar sem melodia, enfatizando o signo do tempo e o amanhã na consciência humana que está além das figuras retóricas catalogadas.

Todo poema de *Mínima Poética* é texto pensante. E o poético se faz na percepção do existir, do aparente transitório e efêmero – palavra e vida, peso e leveza – pregnantes de intensidade vivencial.

A existência do natural movendo-se cheio de graça “DAMAS, / DAMOS”, inundando de energia o corpo que espera e deseja; a dubiedade de “NAMORO / MORO / NÃO MORO”, em trânsito pela vida na qual se ganha ou se perde, firmeza em dúvida, dúvida em firmeza; os passos do tempo na continuidade do cotidiano apreendido no que se acaba e no que não cessa de repetir:

ENTRE O ACORDAR E O DORMIR
 A VIDA DE UM DIA.
 ENTRE O ACORDAR E O DORMIR
 A VIDA DE UMA VIDA.,

não variações da arte de viver, apreendidas por *Mínima Poética*, revelam uma irrequieta lucidez, enquanto luz cortante, não luz de celebração, mas de uma consciência atenta e em vigília que envolve o poeta.

Escritos à margem de fórmulas e construídos em formas livres, cada poema busca sua articulação e harmonia, seu ritmo e sua sintaxe e cada expressão poética se outorga suas próprias leis, ora em jogos, ora em rupturas e transgressões e alegorias.

Num contínuo agendar de ontens e amanhã, método e transcurso, curso e discurso, avatar e círculos, os poemas nos remetem à mecânica do tempo, onde estão as espirais imprevisíveis da memória que convoca o que não está e retém o que segue estando.

A poesia, em pauta soffiática, recolhe acontecências, fragmentos de acontecências, veste-as com palavras para que seus sentidos – muitas vezes enganosos – sejam ouvidos além-poemas e fiquem tatuados na pele anímica do ser.

O olhar do eu que apreende a plasticidade do acontecer natural:

A LUZ DA LUA
 MOLHOU O QUINTAL,

impregna de transcendência o mundo que o poeta vê além dos olhos. Olhar que é pura alquimia. Poesia.

AUTOAPRESENTAÇÃO

DIZEM QUE SOU
UM POETA IMITADOR
NÃO LIGO
SOU MESMO

DIZEM QUE SOU
MARIA-VAI-COM-AS-OUTRAS
NÃO LIGO
SOU MESMO

DIZEM QUE NEM POETA SOU
LIGO
PORQUE NÃO SOU MESMO

EXPLICAÇÃO

ONDE DIGO DIGO
NÃO DIGO DIGO
DIGO DIGNO

PARTO
PARA
O
PORTO
MAIS
PERTO

NAMORO
MORO
NÃO MORO

AP^{TO}
APTO

LÊ
LIVRE

ENTRE O ACORDAR E O DORMIR
A VIDA DE UM DIA
ENTRE O ACORDAR E O DORMIR
A VIDA DE UMA VIDA

JANO

PELAS MINHAS COSTAS
VEJO O DIA QUE PASSOU
PELA FRENTE A MORTE

NOSSOS
OSSOS
SÓS

DIVAGAR
DEVAGAR
EIS

FALAZES OS TEMPOS
DEIXADOS NO TIMBRE
DO PRETÉRITO ALGOZ
FELINA FLOR PRÍSTINA
FLAVORIZADA NA COR

REI/
FICAR
A COROA
FINA
EM METONÍMIA

EM BLAU
CELESTE
A SEVERA
PRONÚNCIA
DO OLVIDO

SEIXOS POLIDOS
QUE
O RIO ROLA
NA SUA
LEITURA
SILENCIOSA

DÚVIDA IRREDUTÍVEL:
O APÓSTROFO
É UMA VÍRGULA
ANTÍPODA
OU A VÍRGULA
É UM APÓSTROFO
PODO?

DÍVIDA EXTERNA
DÚVIDA ETERNA

QUANDO CORTARAM O FILME
NO CINEMA DA DEMOCRACIA
EU GRITEI BEM ALTO
“QUERO MEU DINHEIRO DE VOLTA!”

MEU AFAGO
É UM AFOGO

– O MUNDO ACABOU?
– AINDA NÃO. POR ENQUANTO
SÓ APAGARAM A LUZ

CAMINHAR PARA O OESTE
É MERGULHAR NO ESCURO

APÓS O CAMPO DE BATALHA
O CAMPO DA PAZ

PROVÉR.BIO

RIO POSTO
RIO MORTO

TANTA POESIA DESPERDIÇADA
POR FALTA DE TEMPO...

NATUREZA MÚLTIPLA

PHYSIS

FEZES

FOZES

FASES

FUZIS

PRÉ-HISTÓRICOS ERMOS
MARES ENFERMOS
PLACODERMOS
AGNATOS
INSÓLITOS FATOS
HISTÓRICOS RELATOS

É DE DOER
SOU OSSO PURO
E DURO
DE ROER

LONGO
LOSANGO
LÂNGUIDO

O ABSOLUTO
FICOU OBSOLETO

VI VER
VI VENDO

VIVO
ENTRE MENTES

ENGRUVINHA
ENQUANTO ESCREVINHA
NA ESCRIVANINHA

ENFIM
S.O.S.

ESCRAVO,
ESCREVO

QUANTO À NATUREZA
PODE-SE PREVER
QUE ELA É IMPREVISÍVEL

VERDADEIRO RAICAI

POR QUE SE AGITA O MAR
SE DE OUTRA FORMA
NÃO PODE SE COMPORTAR?

DAMAS,
DAMOS.

SOMENTE
SEMENTES
: FUTURA
FLORESTA

ESPERO A CHUVA
MOLHAR O CALOR
ESPERE O SOL
DESMOLHAR A ÁGUA

NUM MÊS
AS REGRAS
NOUTRO
AS EXCEÇÕES

OUSE
E
ABOUSE

EU ERA MENOS INFELIZ
ANTES DE VOCÊ
PORQUE SÓ TINHA
UMA TRISTEZA
PARA CHORAR
AGORA TENHO DUAS

DO PARAÍSO
NUNCA FOMOS EXPULSOS
APENAS O TRANSFORMAMOS
NUM VERDADEIRO INFERNO

COMO,
E COMO!

MINISSONETO

TEM
DÓ
VEM
SÓ

SEM
NÓ
NEM
PÓ

DIZ
SIM
JÁ

QUIS
FIM
MÁ

SONETO DE UMA NOTA SÓ

SEM
FLOR
NEM
DOR

TEM
COR
QUEM
FOR

É
BEM
LÁ

PÉ
TEM
VÁ

FRUÍRA
TRAÍRA SAÍRA
SAÍRA CAÍRA
CAÍRA MAÍRA
MAÍRA RUÍRA
RUÍRA PUÍRA
FRUÍRA

TODO SÁBADO,
CORTO AS UNHAS
DAS MÃOS E NOTO
QUE MAIS UMA
SEMANA PASSOU.
QUANTAS SEMANAS
AINDA AS CORTAREI?

VAMOS FALAR CLARO:
NÃO BASTA UM AMOR BELO.
POR MAIS QUE SEJA SINCERO,
É PRECISO UM AMOR RARO.

TODOS OS MORTOS
TERÃO DE MORTE
MAIS IDADE QUE OS VIVOS

O TEMPO
É UMA SUCESSÃO
DE HOJES

BASTA
A MATA BASTA
A CAMPINA VASTA
QUE DE MEUS OLHOS
SE AFASTA

A LUZ DA LUA
MOLHOU O QUINTAL

MINHAS PEGADAS
NA ÁGUA PARADA
SE ALASTRAM
CIRCULARES E CONCÊNTRICAS.
NOS RIOS, SE DESLOCAM
DISFORMES E CAMUFLAM
MINHA PASSAGEM PELA VIDA

SOM
É O SILÊNCIO
COLORIDO

SILÊNCIO
É UM SOM INCOLOR,
INSÍPIDO E
INODORO

SENTIR NOSTALGIA
DO MOMENTO PRESENTE
E VIVER COM ALEGRIA
INTENSAMENTE
OS DIAS PASSADOS

DOIDAS
DOÍDAS
VIDAS
VIVIDAS

POR QUE DEVO
ESCREVER POEMAS,
SE TODOS JÁ FORAM ESCRITOS?
POR QUE DEVO PLAGIAR
A POESIA DE TODOS?
SE DEVO, POR QUE DIZER ALGO
NO POEMA?
EM VEZ, POR QUE NÃO
DESPOEMAR O MUNDO?

(ENTRE PARÊNTESES
DIGO TUDO
QUE NÃO QUERO ASSUMIR
E QUE ACHAM ESQUISTO
COMO NINGUÉM RECLAMA
DEIXO AS COISAS ASSIM
O DITO PELO NÃO DITO)

USO OS PÉS, AS MÃOS
A BOCA E O NARIZ
PARA CONHECER O MUNDO.
OS OLHOS E OS OUVIDOS
QUE ME DESCULPEM

QUE SE SAIBA
ELA FOI A PRIMEIRA MULHER
DO RIO DE JANEIRO
A SENTAR-SE NUMA CADEIRA
DE ENGRAXATE
EM PLENA COPACABANA
ERA MINHA TIA

ESCOTILHA

MANEL O QUE ESTÁS
A FAZER COM ESTE
NAVIO AO PESCOÇO?

Mínima Poética

Momentos. São momentos muito grandes de Poética! Quando falava, desde já há algum tempo, que “Poesia ruim, Sociedade Pior”, referia-me a talentos que estavam engavetados, talentos poéticos, obviamente, porque todo mundo sabe, em Campos, que o imortal Aristides A. S. Netto é brilhante. Sua vida acadêmica, sua contribuição nada modesta para Campos, seu trajeto como homem baudelaireano, flaneur, a ver poesia em lances de lince, foi durante algum tempo ou desconhecido ou ignorado. Pois bem. Eis que me chega, enviado pelo autor, o *Mínima Poética*, inéditos dos anos 80/90, do século passado, mas passado a limpo pela grande e alta literatura que é.

Fiz uma leitura de poesia prazerosa, já que alguns poemas me levavam aos anos da poesia marginal, outros à Arcádia carioca satírica dos anos 90. Enfim, eis-me aqui, sem nenhum pudor a celebrar a poemática do amigo. Para que entendam por que estou tão encantado, falarei um pouco teoricamente do tipo de poesia que ele faz.

Trata-se de coletânea que além de telúrica é uma Poética de Memória Cultural. Muitas poesias foram escritas em bares do Rio, outras depois de intimidades e viagens eróticas, e ainda mais algumas ecléticas, de um repertório próprio de um Senhor das Letras.

Quando leu algo que escrevi para os poemas, Aristides foi enfático no seu e-mail:

“PREZADO AMIGO, SUAS CONSIDERAÇÕES
SÃO PRIMOROSAS. CULTÍSSIMAS,

PERSPICAZES, PROFUNDAS, ERUDITAS. JAMAIS PENSEI QUE MEUS LAMPEJOS POÉTICOS TIVESSEM SEQUER POESIA. VEJO QUE A POESIA ESTÁ EM TUDO O QUE EXISTE À MINHA VOLTA. ATÉ NUMA PIADA SOBRE PORTUGUÊS PERCEBO POESIA, COMO NO POEMINHA ESCOLTIHA, ÚLTIMO DO LIVRO. DAMAS, DAMOS NASCEU NUM RESTAURANTE DO LARGO DO MACHADO. EU JANTAVA QUANDO UMA MULHER PASSOU POR MIM EM DIREÇÃO AO BANHEIRO. HAVIA DUAS PORTAS LADO A LADO. SOBRE UMA, HAVIA A PALAVRA DAMAS. NO OUTRA, A PALAVRA CAVALHEIROS. PERGUNTEI POR QUE NÃO DAMOS. QUASE TODAS NASCERAM ASSIM, DA PERCEPÇÃO DA POESIA AO MEU REDOR, NAS COISAS MAIS BANAIS DO MUNDO. ALGO BEM DIFERENTE DO QUE ESCREVI E ESCREVO EM TERMOS DE POESIA.”

Querem saber o que escrevi para ele depois da leitura de seus poemas? Eis: “Amigo: não resisti e tirei um tempo hoje para ler seus poemas, carregados de “humour”. Gosto demais da estrutura, da sonoridade e da fatura estética. Filósofa galhofando, galhofa sentindo pelo fracasso deste homem dilacerado, desencantado da condição pós-moderna. Fiquei intrigado porque, mesmo sendo poemas curtos e de “jogo”, eles têm uma dicção poética extremamente contemporânea, diria pós-moderna mesmo, já que apesar de o humor ser largamente estudado, teorizado e discutido por filósofos e outros, permanece

extraordinariamente difícil de definir, quer na sua vertente psicológica quer na sua expressão, como forma de arte e de pensamento. Na verdade, o que é que o distingue de tantos outros aspectos do cômico, como a ironia ou a sátira? A ironia é uma simulação sutil de dizer uma coisa por outra. A ironia não pretende ser aceita, mas compreendida e interpretada. Para Sócrates, a ironia é uma espécie de *docta ignorantia*, ou seja, “ignorância fingida” que questiona sabendo a resposta e orientando-a para o que quer que esta seja. Em Aristóteles e S. Tomás de Aquino, a ironia não passa de uma forma de obtenção de benevolência alheia pelo fingimento de falta de méritos próprios. A partir de Kant, assentando na idéia idealista, a ironia passa a ser considerada alguma coisa aparente, que como tal se impõe ao homem vulgar ou distraído. Corrosiva e implacável, a sátira é utilizada por aqueles que demonstram a sua capacidade de indignação, de forma divertida, para fulminar abusos, castigar, rir, os costumes, denunciar determinados defeitos, melhorar situações aberrantes, vingar injustiças... Umhas vezes é brutal, outras mais sutil. Sua poética tem tudo isso! Imagine, como vc. mesmo nos instiga na autoapresentação: o humor é determinado essencialmente pela personalidade de quem ri. Por isso, pode-se pensar que o humor não ultrapassa o campo do jogo ou os limites imediatos da sanção moral ou social, mas este pode subir mais alto e atingir os domínios da compreensão filosófica, logo que o emissor penetre em regiões mais profundas, no que há de íntimo na natureza humana, no mistério

do psíquico, na complexidade da consciência, no significado espiritual do mundo que o rodeia. Pode-se, assim, concluir que o humor é a mais subjetiva categoria do cômico e a mais individual, pela coragem e elevação que pressupõe. Logo, o que o distingue das restantes formas do cômico é a sua independência em relação à dialética e a ausência de qualquer função social. Trata-se, portanto, de uma categoria intrinsecamente enraizada na personalidade, fazendo parte dela e definindo-a até. *Ludus est necessarius ad conversationem humanae vitae* – “O humor é necessário para a vida humana.” (S. Tomás de Aquino) por meio desta afirmação, percebe-se que, da mesma maneira que o sono está para o repouso corporal, também o humor está para o repouso da alma. Esta analogia entre o sono e o humor é bastante explícita, no que diz respeito à importância do humor na vida do Homem. É por isto que o humor é considerado por S. Tomás de Aquino um “bem útil”, e prossegue, considerando ainda que o humor pode ser um vício por excesso, ou seja, por falta de controle e medianidade no uso deste. O humor pode também ser um vício por ausência deste. Estas teorias partem do pressuposto que todo riso é oriundo da sensação de superioridade de um indivíduo frente a outro ou alguma situação. Traduz-se o riso como uma resposta a uma “gloria repentina” advinda da percepção de superioridade por parte do indivíduo. A superioridade pode se dar não somente pela depreciação do outro, mas também, da ética e da moral estabelecidas como em piadas e trocadilhos que zombam das regras sociais ou mesmo gramaticais.

Outrossim, muitas vezes, ao trabalhar a incoerência do jogo da vida, você fecha o gargalo da catarse e sufoca o leitor, porque a incoerência em sua Poética é tida como força motriz de toda situação cômica, sendo a mesma identificada como uma “experiência frustrada”. Immanuel Kant alegava que o humor surge da “transformação repentina de uma grande expectativa para o nada”. O humor, passa, então, a ser a dissolução violenta de uma atitude/emoção/reminiscência, no sentido benjaminiano mesmo, que é produzida pela associação de duas idéias inicialmente distantes. Quanto à questão da “outridade”, você provoca uma remoção de uma tensão, Sigmund Freud teorizou que esta tensão é resultado da ação da “censura”, nome que deu às proibições internas que impedem o indivíduo de dar forma aos seus impulsos naturais. Segundo Freud, o humor, seria uma forma de enganar a censura e, portanto, provocar alívio e por conseguinte o riso. A censura é enganada se a quebra da proibição for disfarçada por uma idéia que não denote algo proibido. Como um insulto dito como um elogio.

Quando a turma marginal, Chacal, Charles, Ana Cristina César, Cacaso, Wally, escreveu seus poemas havia uma censura, mas veja que coisa brilhante: “É proibido pisar/na grama/O jeito é deitar e rolar.” (Charles). Seis textos são os sete pecados capitais de Bosch, um jardim de delícias! Bravo!!!

E mesmo Drummond, quando escreveu *Claro Enigma* nos deu um dos maiores e mais valiosos poemas da Literatura Brasileira, *A Máquina do Mundo*.

João Cabral nos deu *A Educação pela Pedra*. E agora você nos dá esse presente *in extremis*.

Prof. Dr. Deneval Siqueira de Azevedo Filho
Professor Associado de Teoria e História
Literária

DLL/PPGL/CCHN/UFES

Coordenador do NEIEL/GEITES

Núcleo de Estudos Interdisciplinares de
Transgressão e Linguagens Mestrado e
Doutorado em Letras, Estudos Literários

SUMÁRIO

Nos desvios da palavra, a poesia se ancora - Arlete Parrilha Sendra.....	03
Autoapresentação (Julho de 2010).....	07
Explicação (dezembro/1993).....	08
Sem título.....	09
Sem título.....	10
Sem título.....	11
Sem título.....	12
Sem título.....	13
Jano.....	14
Sem título.....	15
Sem título.....	16
Sem título.....	17
Sem título.....	18
Sem título.....	19
Sem título.....	20
Sem título.....	21
Sem título.....	22
Sem título.....	23
Sem título (janeiro/1985).....	24
Sem título (1988).....	25
Sem título (Rio Branco, 09/08/1990).....	26
Sem título (08/11/1990).....	27
Provérbio (24/04/1991).....	28
Sem título (Campos, 06/11/1991).....	29

Natureza múltipla (1992).....	30
Sem título (1992).....	31
Sem título (31/08/1992).....	32
Sem título (dezembro/1992).....	33
Sem título (dezembro/1992).....	34
Sem título (dezembro/1992).....	35
Sem título (26/01/1993).....	36
Sem título (26/01/1993).....	37
Sem título (novembro/1993).....	38
Sem título (02/11/1993).....	39
Sem título (dezembro/1993).....	40
Verdadeiro raicai (Campos, 26/01/1994).....	41
Sem título (Rio de Janeiro, 18/01/1995).....	42
Sem título (Campos, 25/12/1995).....	43
Sem título (1996).....	44
Sem título (Campos, 07/03/1996).....	45
Sem título (Campos, 26/09/1996).....	46
Sem título (Campos, 23/1/1996).....	47
Sem título (Campos, 22/12/1996).....	48
Sem título (maio/1997).....	49
Minissoneto (1997).....	50
Soneto de uma nota só (1997).....	51
Sem título (Campos, 18/01/1997).....	52
Sem título (Campos, 18/01/97).....	53
Sem título (Campos, 1998).....	54
Sem título (Campos, janeiro de 1998).....	55
Sem título (Campos, janeiro de 1998).....	56
Sem título (Campos, janeiro de 1998).....	57

Sem título (Campos, janeiro de 1998).....	58
Sem título (Campos, janeiro de 1998).....	59
Sem título (janeiro de 1998).....	60
Sem título (Janeiro de 1998).....	61
Sem título (14/01/1998).....	62
Sem título (15/01/1998).....	63
Sem título (15/01/1998).....	64
Sem título (25/08/2006).....	65
Sem título (25/08/2006).....	66
Sem título (Julho de 2010).....	67
Escotilha (Julho de 2010).....	68
Mínima Poética – Deneval Siqueira de Azevedo Filho.....	69

